



Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Ensino de Graduação
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Música
Curso de Licenciatura em Música à Distância

Facilidades e dificuldades de conteúdos e atividades musicais sob a óptica de uma professora de Artes Visuais do nível fundamental.

Eva Nice Guedes de Paiva Cruz

Arinos - MG

2014

EVA NICE GUEDES DE PAIVA CRUZ

Facilidades e dificuldades de conteúdos e atividades musicais sob a óptica de uma professora de Artes Visuais do nível fundamental.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Música na Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Regina Antunes Teixeira dos Santos

Arinos – MG

2014

A Deus, que nos criou e foi criativo nesta tarefa. Seu fôlego de vida em mim me foi sustento e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus que permitiu que tudo isso acontecesse, ao longo de minha vida, e não somente nestes anos como universitária, mas que em todos os momentos é o maior mestre que alguém pode conhecer.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

A minha orientadora Prof.^a Dra. Regina Antunes Teixeira dos Santos, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções, incentivos e apoio na elaboração deste trabalho.

A Professora Carolina Giordano Bergmann, pela oportunidade, apoio e empenho dedicado.

À tutora presencial Beatriz Carla, que sempre foi presente, companheira e amiga, me auxiliando nas dúvidas ao longo do curso.

Agradeço a todos os professores por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de formação profissional, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos professores dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

Agradeço a todos que estiveram presentes em minha trajetória acadêmica: colegas e a todos que contribuíram com sua força, conselhos, ajuda e colaborações valiosas.

A minha mãe Juliêta, pelo amor, incentivo e apoio incondicional.

Agradeço ao meu esposo Paulo, que de forma especial e carinhosa, encorajou-me, e nas minhas dificuldades me fortaleceu, me dando apoio e incentivo nas horas difíceis, de desânimo e cansaço.

As minhas filhas Pérzida Paola e Estelly Paloma, que nos momentos de minha ausência dedicados ao estudo superior, sempre entenderam que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente!

Meus agradecimentos aos meus irmãos, amigos e companheiros de trabalhos, na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado!

*O único fim, o único objetivo de toda música
é o louvor a Deus e a recreação da alma.
Quando isso se perde de vista,
não pode haver mais verdadeira música,
restam somente ruídos e gritos infernais.*

Johann Sebastian Bach

RESUMO

O escopo do presente trabalho é a música em aula de Artes como componente curricular obrigatório, mas não exclusivo. O objetivo do mesmo foi investigar as potencialidades e dificuldades em relação à(s) música(s) nas aulas de Artes, sob a óptica de uma professora de Artes Visuais de nível fundamental. A justificativa da presente pesquisa reside na necessidade de reflexão sobre realidades presentes no cotidiano escolar das práticas de ensino de Artes, incluindo Música, tendo em vista a obrigatoriedade do conteúdo Música, como componente curricular a partir da Lei Nº 11.769/08. A revisão de literatura abordou pesquisas referentes à atuação do professor não especialista em atividades envolvendo Música, e em particular aquelas envolvendo o professor de Artes. A pesquisa foi de natureza qualitativa e envolveu duas técnicas de coleta de dados: a entrevista semiestruturada e a entrevista de estimulação. As atividades apresentadas na entrevista de estimulação foram originadas a partir dos depoimentos acerca dos conteúdos de e sobre música que a professora investigada mencionou na primeira entrevista. Essa última permitiu observar e refletir sobre a potencial abertura da professora de Artes frente a atividades musicais sugeridas e estimuladas percebendo assim, que o maior obstáculo dessa professora é a não formação especializada em música. A professora investigada demonstrou boa vontade e ansiedade em implantar em suas aulas de Artes, atividades que explorem e aumentem a experiência musical de seus alunos, apesar de sentir a carências de material de apoio didático, recursos disponíveis e espaço adequado para a realização das aulas de música.

Palavras-chave: Música; ensino fundamental; Artes Visuais, professora de Artes.

ABSTRACT

The scope of this work is the music in art class with teacher not an expert on music. The purpose of it was to investigate the potential and difficulties in relation to (s) song (s) in the class of Visual Arts, from the perspective of a teacher in elementary level. The rationale of this research is the need to reflect on realities in everyday school life teaching practices of arts, including music, in view of the requirement of Music as a curriculum component from the Law No. 11,769 / 08. The literature review addressed research related to the performance of non- specialist teacher in activities involving music, and in particular those involving the Arts teacher. The research was qualitative in nature and involved two techniques of data collection: semi-structured interview and the interview of stimulation. This latter allowed us to observe and reflect on the potential opening of the teacher facing the suggested and encouraged musical arts activities as they realize that the biggest obstacle is not that teacher training. The investigated teacher demonstrated willingness and eagerness to deploy in their Art lessons, activities that explore and enhance the musical experience of their students despite feeling the didactic support material needs, available resources and adequate space for the holding of classes music.

Keywords: music; elementary school; Visual Arts; Arts teacher.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 09 |
| 2. REVISÃO DE LITERATURA | 11 |
| 3. METODOLOGIA | 13 |
| 4. RESULTADOS E DISCUSSÕES | 17 |
| 4.1 <i>A formação e atuação da professora Jamily</i> | 17 |
| 4.2 <i>A relação da professora com Música</i> | 17 |
| 4.3 <i>A opinião sobre a obrigatoriedade do conteúdo de Música na escola</i> | 18 |
| 4.4 <i>As atividades e conteúdos de Música nas aulas de Artes</i> | 19 |
| 4.5 <i>Os dados da estimulação</i> | 22 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 25 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 27 |
| 7. APÊNDICES | 29 |
| 7.1 <i>Apêndice A – Carta de Cessão</i> | 29 |
| 7.2 <i>Apêndice B – Roteiro de Entrevista</i> | 30 |
| 7.3 <i>Apêndice C – Entrevista de Estimulação</i> | 33 |
| 8. ANEXOS | 34 |
| 8.1 <i>Anexo A – Consentimento Informado (Escola)</i> | 34 |
| 8.2 <i>Anexo B – Consentimento Informado (Professora)</i> | 36 |

INTRODUÇÃO

Indubitavelmente, música é uma atividade vivenciada por todos nós em nosso cotidiano. Trata-se de uma manifestação cultural para o desenvolvimento humano, que proporciona bem estar e colabora para o desenvolvimento e formação plena do indivíduo (WILLIAMSON, 2014; CAMPBELL, 2010; WALKER, 2005). Segundo Swanwick (2003), a música possui um potencial para promover o desenvolvimento individual, a renovação cultural, a evolução social, a mudança na medida em que permite a “refração cultural”, que consiste no ver e sentir sob novas perspectivas.

Na área da Educação Musical, temos a necessidade de conhecermos melhor o cotidiano escolar, de descrevermos de modo mais aprofundado como a música está presente na escola e quais os fatores que favorecem ou dificultam sua presença. Joly (2006) argumenta que a escola é um agente fundamental na formação cultural do indivíduo à medida que permite reconhecer, acolher e trabalhar com as diferentes perspectivas e bagagens culturais que cada aluno traz consigo e que estão presentes no dia-a-dia das atividades da sala de aula.

Como estagiária do Curso de Licenciatura em Música, em uma escola estadual situada em Arinos/MG, onde atende alunos do Ensino Fundamental I e II, ensino médio, incluindo o EJA (ensino de jovens e adultos) e Técnico em Magistério, distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno, nas turmas do 9º ano e nas aulas de Artes, tive a oportunidade de perceber que o foco estava centrado mais em Artes Visuais, do que em música. É consenso a percepção de que na escola, muitas vezes, a música é trabalhada por professores não especialistas, que carecem de formação ou capacitação específica, sentindo-se limitados ou mesmos incapazes de trabalhar conteúdos e atividades musicais, como aponta o documento:

Ainda que esses procedimentos venham sendo repensados, muitas instituições encontram dificuldades para integrar a linguagem musical ao contexto educacional. Constata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área da música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas a criação e a elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói. (BRASIL, 1998, p. 45)

Minha participação na Escola Estadual como estagiária de Música, nas turmas da professora Jamily (nome fictício), chamou muito a minha atenção sobre essa problemática e, ao mesmo tempo, também me interessei em conhecer e estudar a realidade desta professora sobre sua perspectiva de formação e atuação. Assim, levantei alguns questionamentos que nortearam esta pesquisa, entre eles, gostaria de citar: Quais são os meios e as abordagens que a música se faz presente nas atividades de ensino da professora Jamily? Quais as potenciais dificuldades encontradas pela professora para desenvolver os conteúdos de Música? Existiriam alguns aspectos que a professora sentir-se-ia mais confiante, ou demonstrasse mais facilidade ao incluir música em suas aulas? Além disso, gostaria de observar e refletir sua potencial abertura frente a atividades musicais sugeridas e estimuladas pela pesquisa.

Assim, o objetivo geral deste trabalho de conclusão de curso foi investigar as potenciais facilidades e dificuldades em relação à(s) música(s) nas aulas de Artes, sob a óptica de uma professora de Artes Visuais do nível fundamental. Como objetivos específicos, procurou-se: Identificar os meios e as abordagens que a música se faz presente nas atividades de ensino; identificar quais as dificuldades encontradas pela professora para desenvolver os conteúdos de música; verificar potencial abertura da professora frente a atividades musicais sugeridas e estimuladas pela pesquisa.

O presente trabalho justifica-se pela necessidade de reflexão sobre realidades presentes no cotidiano escolar das práticas de ensino de Artes, incluindo Música, tendo em vista a obrigatoriedade de Música, como componente curricular a partir da Lei Nº 11.769/08. A descrição de contextos de prática de ensino que englobam atividades de música, mesmo que essas sejam esporádicas ou esparsas, pode permitir elucidar problemáticas e apontar potencialidades de se ampliar o escopo das relações interdisciplinares entre as Artes. Não se pode negligenciar a especificidade da Música como área de conhecimento. Apesar disso, na qualidade de Educadores Musicais, com formação específica, sentimo-nos o dever ético de proporcionar aos professores em atuação, independentemente de sua especificidade ou não, elementos, atividades que propiciem as relações com música de forma mais consistente com suas possibilidades, como professor não específico da área de Música. Talvez seja esse um caminho de transição para incluirmos música, nas aulas de Artes no currículo escolar; um espaço de atuação mais consistente e motivador tanto para professores, como alunos

2. REVISÃO DE LITERATURA

Araújo e Moreno (2009) investigaram formas alternativas para trabalhar o conteúdo de música, sem precisar vinculá-los às especificidades técnicas que exigiriam uma formação específica na área de Música. Para esses autores, o professor não-especialista sente muita dificuldade em desenvolver um trabalho aprofundado em área diferente daquela de sua formação. Esses autores investigaram a percepção de quatorze professores de Artes, não-especialistas em Música, atuantes nas 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental em escolas estaduais do Paraná. Os autores concluíram que os professores não dominam os conteúdos estruturantes listados nas Diretrizes Curriculares de Artes do Paraná. Da população investigada, a maioria considerou que dominava os conteúdos básicos, mas não dominavam sua prática. Contudo, a grande maioria trabalha alguns dos conteúdos de música em sala de aula. Entre as atividades mencionadas, os professores realizavam ações como apreciação de vários gêneros musicais, apresentação dos diferentes tipos de instrumentos musicais, pesquisa sobre músicos de vários períodos, pesquisas sobre sons do cotidiano, análise dos elementos formais da música e história da música. Dois investigados comentaram contar com o auxílio de alunos que estudavam música (de forma extracurricular).

Mendes (2009) investigou os diferentes olhares de seis professores de 1º a 5º anos do município de Içara (SC) sobre o ensino de música nas aulas de Artes, visando compreender como professores de Arte estão trabalhando a linguagem musical nessas séries iniciais. Os resultados mostraram que a potencial necessidade de trabalhar com música, inibe muito os professores investigados, pois eles afirmam que não sabem trabalhar, ou acham que só se pode trabalhar tendo conhecimento musical. Os professores entrevistados apontam que não concordam com a ideia de polivalência. Nessa mesma direção, Garcia (2000) pondera que professores tendem a relutar em experimentar e criar atividades musicais por pensarem que só se pode trabalhar com música, aqueles que dispõem de conhecimento específico na área. Por outro lado, para Swanwick (2010), o professor de música na escola não necessita ser um instrumentista virtuose, mas é fundamental tocar um instrumento por ser muito útil na sala de aula, pois ajuda a exemplificar e a tirar as dúvidas dos alunos. Além disso, para esse autor, é preciso ter conhecimento da História da Música, saber relacionar diferentes momentos históricos e

estilos e construir uma visão crítica sobre o tema. Nessas afirmações, Swanwick parece afirmar que para ser professor na escola, é fundamental ser um especialista na área.

Do ponto de vista de formação de estudantes de Artes Visuais, Pedracini (2011) percebe que a maioria dos alunos de Artes Visuais, entrevistados em sua pesquisa, tem anseio de aprender música a partir de suas próprias preferências musicais. Essa perspectiva de partir das preferências musicais dos alunos tem sido uma abordagem há muito defendida na Educação Musical (SOUZA, 1997; PENNA, 1990; 2014).

3. METODOLOGIA

A minha pesquisa teve como objetivo investigar as potenciais facilidades e dificuldades da inclusão de música(s) nas aulas de Artes Visuais, sob a óptica de uma professora de Artes Visuais de nível fundamental. O enfoque foi de natureza qualitativa, pois teve um caráter interpretativo, cuja meta central foi de documentar o ponto de vista da professora estudada acerca dos conteúdos de música nas aulas de Artes na tentativa de buscar a compreensão dos fatos.

As pesquisas qualitativas estimulam os entrevistados a pensar e falar livremente sobre alguns temas, objetos ou conceitos. Esse tipo de abordagem possibilita o surgimento de aspectos subjetivos, fato este que estimula a percepção e observações de motivações não explícitas, ou mesmo não conscientes, de forma espontânea (BOGDAN; BIKLEN, 1994). Conforme descreve Minayo (2010, p. 57), o método qualitativo implica:

(...) estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; Parga Nina et al., 1985), as abordagens qualitativas se conformam em melhorar as investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos (MINAYO, 2010, p. 57).

A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual em Arinos (MG), que atende alunos do Ensino Fundamental I e II, ensino médio, incluindo o EJA (ensino de jovens e adultos) e Técnico em Magistério, sendo distribuídos nos turnos matutino, vespertino e noturno. A escola possui um número de 720 alunos, sendo todos de classe média. A seleção dessa escola deveu-se ao fato da escola não dispor de nenhum professor responsável pela disciplina de Música: são nas aulas de Artes Visuais, com inclusão de alguns recursos musicais, entre eles o estudo das letras das músicas, as noções sobre fatores históricos musicais ou biográficos de compositores, por exemplo.

Dentro desse contexto, foi, portanto escolhida a professora de Artes Visuais como participante dessa investigação. A professora Jamily (nome fictício), de 35 anos de idade, atua nesta escola há sete anos como professora deste componente curricular (Artes

Visuais). A direção da escola, bem como a professora, foram contatadas, informados acerca dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos metodológicos que seriam empregados e assinaram documentos formais de consentimento informado.

Como o instrumento de coleta utilizou-se dois tipos de entrevistas, em duas etapas sucessivas: (i) entrevista semiestruturada, e (ii) entrevista de estimulação. A entrevista semiestruturada possibilitou um roteiro flexível de questões abordadas que serviram de guia no momento da entrevista, permitindo que a professora investigada tivesse a liberdade necessária para se expressar acerca do tema e das perguntas feitas na entrevista. De acordo com Manzini (2003, p.11-25), “o roteiro tem várias funções, sendo uma das principais, auxiliar o entrevistador a buscar informações sobre o objetivo da pesquisa, na sua forma de condução.” Outra função, segundo este autor, seria fornecer suporte ao pesquisador, antes e no momento da pesquisa, na forma de se organizar, assim como auxiliar o entrevistado a fornecer as informações de maneira mais fácil e com maior precisão.

A entrevista de estimulação ocorreu em um segundo encontro. Essa possibilitou observar, via estímulos musicais aurais em situações hipotéticas de aula, tanto a receptibilidade como possibilidade de ações e reflexões da professora investigada. Tal escolha metodológica ocorreu com vistas a possibilitar uma visão mais ampla das potenciais facilidades e dificuldades da inclusão de música(s) nas aulas de Artes Visuais, sob a óptica da professora entrevistada.

Na entrevista semiestruturada, o roteiro contemplou os seguintes aspectos: (i) dados pessoais e de formação; (i) pensamento/concepção de ensino de Artes (e Música) nas atividades escolares; (iii) potencial repertório e as atividades musicais na aula de Artes Visuais; (iv) recursos disponíveis em sala de aulas e na escola (Artes e Música).

A entrevista de estimulação ocorreu em um segundo encontro, trata-se de um tipo de entrevista, na qual a professora foi incentivada a realizar algumas atividades propostas e refletir sobre as potencialidades destas propostas sugeridas pela pesquisadora. Tais atividades foram originadas a partir dos depoimentos acerca dos conteúdos de música que a professora investigada mencionou na primeira entrevista. Esta técnica possibilitou observar, via estímulos musicais aurais em situações hipotéticas de aula, tanto a receptibilidade como possibilidade de ações e reflexões da professora investigada. A entrevista de estimulação não teve como objetivo realizar um experimento com a

professora acerca de suas potencialidades e habilidades musicais. Seu objetivo foi incitar a reflexão da professora sobre suas potencialidades reais de se envolver com música a partir de sua aquisição por enculturação.¹

Primeiramente, informei à professora que iríamos dar continuidade a nossa entrevista realizada no dia anterior, passando alguns exemplos de músicas e de atividades musicais que poderiam ser realizadas em sua sala de aula. No momento da entrevista, eu apresentava o enunciado da atividade e disponibilizava os áudios musicais, sendo os mesmos tocados apenas uma vez, pois a professora não teve dificuldades em entender o enunciado das mesmas. Assim, a escuta das músicas, suscitou interesse e motivação por parte da professora: fazia o que se pedia na atividade, imaginando e comentando a reação de seus alunos ao realizar tais atividades, e em seguida, a cada atividade proposta, eu acompanhava e fazia com ela, os mesmos movimentos, incentivando-a. Tal postura de minha parte favoreceu a interação com a professora de maneira a deixá-la mais à vontade com as atividades propostas.

As categorias da estimulação foram: (i) Estimulação (com recursos visuais/auditivos) sobre potenciais atividades a serem utilizadas em sala de aula; ii) Hipotetização dessas atividades propostas e estimuladas, em contexto de sala de aula, em termos de viabilidade ou não, sob a perspectiva da professora investigada.

A Tabela 1 descreve o estímulo utilizado, sua fonte, bem como a finalidade no contexto da entrevista de estimulação.

¹De acordo com Jørgensen (2003), historicamente, *enculturação* tem dois significados: um antropológico e outro idealista. O antropológico refere-se ao processo ao longo da vida onde a pessoa adquire uma identidade cultural pessoal e coletiva. Um modo de vida individualmente vivenciado e cooperativamente compartilhado dentro de um grupo ou sociedade na qual ele vive. O significado idealista (mesmo utópico) apresenta a visão de cultura como luta humanitária. A primeira perspectiva é aquela que estamos aqui considerando.

Tabela 1. Estímulos, gravações/fontes e funções das peças utilizadas na entrevista de estimulação.

| Estímulo | Fonte | Função/Parâmetro |
|---|--|---|
| <i>Devagar, devagarinho</i> (samba) | http://www.youtube.com/watch?v=6lpVTc1gAVc e conversão em mp3. | Estímulo visando qualidades da dimensão rítmica: identificação de pulso, e conexões com movimentos e respostas corporais. |
| <i>Parabéns a você</i> (canção tradicional) | http://www.youtube.com/watch?v=Wt-G33KsEM e conversão em mp3. | Estímulo visando a habilidade de integração entre emissão cantarolada ² com letra de uma canção conhecida com organização rítmica aceitável e com relativa fluência. |
| <i>Fico assim sem você</i> (MPB) | http://www.youtube.com/watch?v=KcqvSj4ZAaM e conversão em mp3. http://www.youtube.com/watch?v=UxE27eHJ9Dg e conversão em mp3. | Estímulo visando a apreciação musical de duas interpretações de uma mesma obra. |
| <i>Poderosas</i> (Funk) | http://www.youtube.com/watch?v=f-9qcklu4ss e conversão em mp3. | Estímulo visando adaptação ou criação de letras mantendo a relação com estrutura da organização rítmica |
| <i>Amanhecer da SuitePeerGynt</i> (Grieg) (Poema sinfônico) | http://www.youtube.com/watch?v=R4bERVn6USE e conversão em mp3. | Estímulo de apreciação musical visando a conexão entre recursos musicais e visuais. |

O tempo total desta entrevista semiestruturada foi de 34 min. e 10 s, enquanto o da entrevista de estimulação foi de 15 min. e 37 s. Essas entrevistas foram transcritas em sua totalidade.

² O termo “cantarolar” é aqui empregado para referir-se à habilidade da professora entoar a canção conhecida, dentro de suas possibilidades, sem, no entanto perder a integridade do contorno melódico conhecido. Cabe salientar que a acuidade de emissão das alturas é relativa. O intuito aqui não é julgar a performance afinada com acuidade rítmica e melódica da professora.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O presente capítulo trata da descrição dos dados e discussão dos resultados coletados através da entrevista realizada com a professora Jamily.

4. 1 A formação e atuação da professora Jamily

A professora Jamily (nome fictício) relatou que, quando criança, brincava muito de escolinha e pensava desde cedo (do 1ª ao 5ª ano do Ensino Fundamental I) em ser professora do Ensino Fundamental I. Contudo, ao concluir o Ensino Fundamental II, percebeu que ainda continuava querendo ser professora, mas já com interesse de especificidade de atuação: pensava em se tornar professora de História ou Geografia. Por isso, ao ingressar no Ensino Superior, a mesma optou por cursar História, área na qual se graduou.

Jamily relatou que mesmo sem formação, ela lecionava como professora de Artes Visuais, e posteriormente, teve a oportunidade de se graduar em Artes em um curso à distância, atuando assim, como professora de Artes desde 2007, para nível Fundamental II e Médio e no ano passado (2013) começou a trabalhar com Artes com os alunos do 5º ano em um colégio particular. Desde então, Jamily não fez nenhum curso de formação continuada nessa área, justificando que sua cidade não dispõe de ofertas de tais cursos.

4. 2 A relação da professora com Música

Jamily não tem formação específica na Área de Música, nem tão pouco teve oportunidade de fazer algum curso de formação continuada em Música, pois, segundo essa professora, na cidade onde reside, não tem oferta de tais cursos de Música. No entanto, relata que quando adolescente aprendeu a tocar violão e “achava que sabia cantar”. Jamily aprendeu a tocar violão com um grupo da igreja:

(...) vez ou outra toquei na igreja... poucas vezes. Outra vez foi no final do nosso curso de História quando fizemos uma paródia e apresentamos, mas não toquei em outros lugares.

Jamily gosta de ouvir música, às vezes, em casa, em particular quando está só. Esse tipo de comportamento já foi discutido na literatura. Subtil (2006) aponta que devido à facilidade de aquisição de equipamentos sonoros, é possível que tenha se instalado uma

cultura de consumo doméstico, que por sua vez, podem ou não ser compartilhados intersubjetivamente. Abreu (2000) afirma que existe “uma cultura de interior centrada no espaço da casa (p. 126)”. Interessante observar que no caso da profa. Jamily, esse valor pessoal não parece suscitar e alavancar possibilidades de escuta fora do contexto doméstico.

Quanto a cantar, embora até confesse gostar dessa atividade, relata que a faz somente dentro de casa ou para a sua filha. No entanto, considera que em outros locais, “não leva muito jeito”. Jamily acredita que é preciso ter dom para cantar. Cabe aqui comentar que essa crença é um senso comum muito frequente na cultura ocidental. Educadores musicais buscam desconstruir essa noção de necessidade de um dom especial para fazer música (vide, por exemplo, SCHOREDER, 2004; RUDDOCK, LEONG, 2005). Figueiredo (2005), em análise de dados com professores generalistas, constatou que 11 professoras participantes da música, consideravam que o talento não era o elemento essencial no fazer musical. Algumas professoras consideraram que aspectos como motivação, vontade, gosto e interesse são fundamentais para aprender música.

As teorias motivacionais da Educação (e da Educação Musical), por exemplo, apontam que a auto avaliação negativa, ou seja, um senso de baixa auto eficácia para uma determinada atividade, acaba se tornando verdadeira para si, uma vez que a pessoa acaba evitando o confronto com o estudo ou a prática regular, ou ainda, a realização que envolva essa atividade (vide, por exemplo, HENTSCHEKE *et al.*, 2009; ARAÚJO, 2011). Nesse caso, essa crença da necessidade de talento para fazer música, deve afetar sua relação com a Música, no contexto de sua atividade profissional, uma vez que podemos especular que a sensação de necessidade de talento revela também um baixo sentimento de autoeficácia, pois ela mesma considera-se que “não tem muito jeito”.

4.3 A opinião sobre a obrigatoriedade do conteúdo de Música na escola

Em conversa com a professora Jamily, a mesma relatou que não conhece a fundo sobre a lei que dispõe sobre a obrigatoriedade, mas não exclusividade, do conteúdo música no currículo escolar, mas deixou bem claro que já ouviu algumas pessoas comentando sobre a inclusão da música na escola. Isso é muito satisfatório, pois é sinal de que muitas pessoas estão tendo ciência desta lei que é uma conquista da Educação Musical. A professora Jamily acha muito interessante e acredita que a lei contribuirá muito para o

aprendizado dos alunos nas outras disciplinas, na interatividade, na expressão e na criatividade dos mesmos.

Ela diz acreditar que esta disciplina chamará muito a atenção dos alunos, conforme seu depoimento a seguir:

(...) pois [os alunos] irão aprender algo diferente e atrativo que influenciará na motivação para a realização das atividades e na frequência escolar. (...) Entretanto, o professor de música deve ter formação na área, ter domínio na música, além de ser motivador e dinâmico.

Essa concepção verbalizada pela Profa. Jamily corrobora com opiniões de outras professoras de Artes Visuais, conforme relata Mendes (2009) em sua pesquisa sobre Música na escola, mais especificamente nas aulas de Artes. Garcia (2000) adverte que professores deixam de experimentar e criar atividades musicais, por pensar que só se pode trabalhar com música, o professor com habilitação específica. Para esse autor, o professor não precisa saber tocar um instrumento, mas ser determinado e querer conhecer mais essa linguagem para oportunizar experiências musicais por parte dos alunos.

Ainda com relação à citação da Professora Jamily, cabe salientar que mesmo não tendo formação, nem conhecimento musical, a mesma reconhece os benefícios que a música proporciona ao aprendizado dos alunos. Ela complementa:

Vai desenvolver essas capacidades, vai aprender com a letra da música, conhecer o compositor, vai aprender se tiver oportunidade a tocar, vai aprender os ritmos, os estilos, e eu acho que é uma aula diferente também.

4.4 As atividades e conteúdos de Música nas aulas de Artes

A professora Jamily ponderou: “Como a minha formação é em Artes Visuais, então eu já vou direcionar o meu planejamento para Artes Visuais”. A professora relata que em suas aulas de Artes, a mesma trabalha a questão da linguagem visual, o que é uma linha, ponto, a interpretação de uma obra de arte, uma releitura, tudo voltado para a parte visual. Assim, suas aulas são planejadas e direcionadas para os conteúdos de Artes Visuais, por não ter formação em Música.

No entanto, em suas aulas de Artes, a professora tem trabalhado atividades musicais, como apreciação da música e interpretação da letra, conforme relata no trecho a seguir:

Olha o que ensinei foi muito pouco. O que já consegui trabalhar com eles, como já havia falado, foi no ano passado que consegui... Elegemos a letra de uma música, lemos, interpretamos, fiz algumas perguntas, ouvimos a música, tentamos voltar à letra para um contexto escolar, social e também fui perguntando para eles do que mais gostavam, quais estilos de música mais gostavam, até porque, no momento, alguns tinham um pouco de resistência de ouvir aquela música porque não tinha muito a ver com a realidade deles.

Segundo a Prof^a. Jamily, os alunos fizeram uma escuta musical com foco na análise da letra. Acredito que mesmo sem formação, a professora tem certo conhecimento em atividades que se relacionam com música, ou seja, às vezes ela pode estar trabalhando com música, sem perceber ou considerar que está fazendo esse tipo de atividade. Essa hipótese poderia ser investigada em estudos futuros. Para tal, poderia ser realizado não somente entrevistas com professores, mas também algumas observações em contexto de sala de aula.

A respeito dos repertórios, a Prof^a. Jamily comentou que não se pode deixar levar muito só pela sua afinidade com as músicas a serem trabalhadas. Ela procura trabalhar com aquelas que os estudantes gostam também. É consenso na literatura de Educação Musical, a estratégia de ensino de partir do interesse e do universo cultural dos alunos, a fim de buscar atingir um significado intrínseco nesses estudantes (vide, por exemplo, SUBTIL, 2006; BOZZETTO, 2008). Entretanto, Swanwick (2010) considera que apesar de ser importante considerar e levar em conta o repertório de base que o estudante trás, o professor não pode se limitar ao repertório já conhecido. É preciso ampliá-lo. Swanwick exemplifica que, no Brasil, seria correto ensinar samba, mas seria também essencial explorar diferentes tipos de samba e ir além das nuances desse ritmo, trazendo novas referências para o estudante.

A professora Jamily afirmou ainda que quando trabalhou música nas aulas, não estava muito preocupada com a questão do estilo: ela queria apenas que os alunos entendessem o que a música estava querendo passar naquele momento, afirmando também que está aberta para incluir qualquer repertório, até mesmo o *funk*.

Quanto aos alunos, Jamily relata que eles têm certa resistência para trabalhar a questão das músicas em termos de apreciação musical. Aparentemente, para eles, música serve para dançar. Aliás, o aspecto da relação da dança com a música já foi abordado na literatura. Ramos (2008) observou que a maioria das crianças entrevistadas em sua

pesquisa não consegue dissociar movimento do canto. As canções possuem coreografias, veiculadas pela mídia. Aprender e relacionar-se com uma determinada música significa dançar, imitar, cantar, conhecer cantores e grupos musicais da moda e veiculados pela TV. Portanto, a constatação da Professora Jamily está em consonância com uma realidade encontrada entre crianças e adolescentes nos contextos socioculturais atuais.

Ainda assim, a professora Jamily afirma: “a facilidade que tenho quando vou trabalhar com música é que os alunos gostam”. Como eles não estão preocupados com o que a letra pode ensinar e a interpretação que vão realizar, e sim preocupados com o ritmo e o estilo da música, percebe-se que os alunos gostam de música, não importando qual atividade será realizada com as mesmas. Na verdade, talvez eles gostem de ouvir e dançar enquanto realizam as atividades musicais.

A avaliação de os seus alunos é realizada de acordo com as atividades em andamento e concluída. Segundo seu depoimento:

[A avaliação é feita com base na] participação deles [dos estudantes] durante a atividade e aí depende de cada atividade. Por exemplo, quando fiz com eles e sentamos em círculo e ouvimos a música, lemos a letra ... Então, naquele momento de participação em que falavam, o que pensavam no contexto em que estavam vivendo, foi a avaliação que fiz com eles ali e não cobreí deles além daquilo, porque eles não tinham conhecimento.

De acordo com essa citação, percebe-se que a avaliação em suas aulas está focada na participação e no engajamento frente à atividade proposta. Isso é compreensível, uma vez que a professora não dispõe de critérios sistemáticos de avaliação de conteúdos musicais. Por exemplo, Jamily comenta que, de acordo com o conhecimento que ela tinha, não poderia cobrar deles aspectos relacionados à desenvoltura e domínio rítmico, ou adequabilidade ao estilo. Ela acredita que o melhor método adotado para a avaliação das atividades de música seja por meio da observação do desenvolvimento e envolvimento dos alunos nas aulas de música e diz ainda que nas suas aulas, avalia o aluno através dos resultados adquiridos a cada aula ou a cada atividade aplicada.

Finalmente, do ponto de infraestrutura disponível na escola, Jamily relata que o *data show*, o computador, a caixa de som com o cabo são os únicos recursos disponíveis na escola para trabalhar com música. Livros didáticos sejam de Artes Visuais, Música ou Teatro, não são disponíveis. Segundo a professora, se ela tivesse ao menos um livro

didático com alguns conteúdos e atividades musicais, facilitaria para ela dar aulas de música.

4. 5 Os dados da estimulação

Ao realizar o exercício de estimulação com Jamily, percebi que a cada atividade, a professora manifestava-se surpresa, pois para ela eram coisas novas que ela poderia estar trabalhando com os alunos e, ao mesmo tempo, eu via em seu rosto, uma grande expectativa de atividade e aulas dinâmicas, criativas e musicais.

É o que falei ontem que o que falta mesmo é o conhecimento e quando temos oportunidade de ter esse tipo de atividade faz a gente conseguir trabalhar melhor a música dentro da sala de aula porque a gente não sabe qual direção tomar.

Em relação à música “devagar devagarinho”, eu estava observando a dimensão rítmica da professora. Percebi que ela começou a se movimentar com o corpo de acordo com o ritmo e então, acredito que pudesse estar pensando em seus alunos nas atividades de sala de aula, porque ela parou por alguns instantes e afirmou: “Acho que alguns alunos estariam na frente sambando. Começaria a bater palmas e com certeza já estariam batendo na mesa também”.

Propus à professora a acompanhar/cantar/cantarolar a música “parabéns” a fim de observar o aspecto melódico da mesma, e assim, mesmo ela estando um pouco tímida, houve uma reação positiva, pois junto com a canção, ela começou a cantar a música. Esta atividade foi escolhida a partir da fala da professora na entrevista semiestruturada, onde a mesma relata que canta somente dentro de casa ou para a sua filha, considerando que em outros locais, “não leva muito jeito” e ainda acredita que é preciso ter dom para cantar. Assim, está claro que esta atividade teve o intuito de estimulá-la a cantar.

Quanto à música cantada por dois diferentes cantores famosos, o propósito da estimulação era desenvolver o aspecto de comparação frente às duas possibilidades de interpretação musical. Tal intento levou a Prof^a. Jamily a constatar que os dois cantores famosos, apesar de estar cantando uma mesma música, a maneira de realização era bem distinta entre eles. Isso a fez considerar tanto os aspectos de personalidade interpretativa do compositor, assim como a capacidade de se poder interpretar músicas sob o ponto de vista do intérprete, sem perder a identidade da música. Assim, ao apreciar a interpretação dos

dois cantores, observei que ela comparou a diferença em termos de aspectos rítmicos, como aponta seu depoimento a seguir:

Eu achei mais bonita a letra dessa música nesse ritmo agora. É. Achei mais bonita a letra nesse ritmo [referindo-se à interpretação de Bochecha e Claudinho]. Interessante. Outras músicas que duas pessoas cantam...

Vale ressaltar, no comentário acima, que ela posiciona-se em termos de preferência musical, frente a uma dada interpretação. Essa é uma postura crítica importante e fundamental para potencialmente ser explorado em sala de aula.

Quando eu sugeri à professora a escutar uma música e se expressar com desenhos ou simplesmente dizer aquilo que estava sentindo/percebendo na música tocada, eu queria observar a sua relação de desenho e música. Foi assumido, que nada melhor para uma professora de Artes visuais e em aulas de Artes, tentar relacionar simbolicamente desenho com música e este foi objetivo desta atividade, apreciar música enquanto se pratica a Arte. Jamily optou por não fazer o desenho, mas percebi que ela se envolveu musicalmente com a obra em estímulo. Ela observou efeitos de fluxos de dinâmica, ao referir-se a “partes fracas e fortes”. Além disso, ela se expressou:

Certas músicas que a gente escuta e se lembra de algum lugar, alguma coisa do passado... Acho que talvez esperança. É por isso mesmo que parece que você está desanimado e depois alguma coisa te levanta, vi mais por esse lado e não sei se é isso.

Para finalizar, passei para Jamily duas sugestões de atividades a serem feitas com os alunos, sendo a primeira, perguntar aos seus alunos se algum deles toca algum instrumento ou gosta de cantar, e pedir para se prepararem para cantar ou tocar para os colegas. E a segunda, dar um exemplo de um *funk*, e pedir para os alunos criarem, em grupos, uma música. A atividade seria escrever letras ou colocar ritmos, até mesmo sobre o ritmo do *funk* exemplificado no início da entrevista, e finalmente, cada grupo se prepararia para se apresentar para os colegas. Como a professora disse que não gostava muito de funk e que se pudesse excluiria o funk das aulas de música devido a letra ser muito extravagante, tentei mostrar a ela através desta atividade que há muitas possibilidades de trabalhar com o funk, por exemplo, nesta atividade, os alunos iriam produzir a letra e não necessariamente eles precisariam produzir uma letra extravagante, lembrando ainda, que o funk é a realidade dos alunos e está presente em seu dia-a-dia. Não fizemos estas atividades, pois eram apenas sugestões para sala de aula e diante disto, a professora comentou:

A música que ele quiser? Alguns cantam, mas não tocam nenhum instrumento. É uma coisa que eles gostam muito, né? Eles vão gostar muito porque gostam de *funk*.

Disse a ela que necessariamente o aluno não precisaria saber tocar um instrumento, uma vez que até mesmo com materiais sonoros podemos fazer música, e ela com um brilho nos olhos, afirmou:

Não fiz nenhuma, mas faria todas. É o que falei ontem que o que falta mesmo é o conhecimento e quando temos oportunidade de ter esse tipo de atividade faz a gente conseguir trabalhar melhor a música dentro da sala de aula porque a gente não sabe qual direção tomar. Posso fazer o teste como você fez comigo, sim. Foi interessante! Tenho certeza que no início vai ter alvoroço, excitação, mas acredito que irão gostar. Com certeza dá para realizar várias atividades.

Ao terminarmos a entrevista, eu e a professora Jamily continuamos conversando e a mesma me disse que gostou muito destas entrevistas, porque oportunizou trocas e conversas sobre potenciais atividades a serem incluídas no dia-a-dia da sala de aula. A professora percebeu que ampliou suas experiências e ideias para as atividades musicais. Comentou ainda que essa segunda parte da entrevista alavancou um despertar por busca de conhecimentos potenciais a serem inseridos em suas aulas.

Desde a primeira solicitação acerca do exercício de estimulação, Jamily foi bastante receptiva, e mostrou-se interessada em realizá-los, dizendo que seria uma oportunidade, um pouco mais consistente sobre algumas atividades de música, uma vez que, segunda ela, agora poderá delinear atividades de música em suas aulas. Bastante animada, solicitou-me também qualquer material que eu tivesse disponível para ela poder utilizar em sala de aula.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS:

O presente estudo buscou compreender e investigar as potenciais facilidades e dificuldades em relação à(s) música(s) nas aulas de Artes Visuais, sob a óptica de uma professora do nível fundamental. Considerando que a professora é formada em Artes Visuais e não tem formação e nem cursos de formação continuada em Música, pode-se argumentar que a mesma dispõe primeiramente de formas de se relacionar, agir e reagir, ao contato com músicas, através de processos acumulados por enculturação. Conforme anteriormente explicitado, o sentido a que nos referimos quando mencionamos enculturação refere-se aquele do tipo de referências musicais assimiladas e compartilhadas ao longo de toda sua vida em seu contexto sociocultural. Tais relações musicais abarcam noção de pulso, de preferências rítmicas e preferências interpretativas. Ao notar o quanto poderia criar estratégias com músicas em suas turmas de Artes Visuais, Jamily ficou surpresa com as potencialidades até então não imaginadas.

Assim, aparentemente, aquilo que impede a professora Jamily de conseguir efetivamente incluir algumas atividades de músicas em suas aulas é sua falta de ideias sobre atividades musicais; a falta de autoconfiança para criar e incluir músicas em suas aulas. Com esse estudo percebemos a grande importância de lutarmos na área de Educação Musical para possibilitarmos ofertas de cursos de formação básica, através de cursos práticos, para professores em escola de nível fundamental. Falamos em formação básica porque acreditamos ser fundamental, criar oficinas de manipulação de formas de perceber, apreciar, executar, criar e refletir como forma de exercício para o professor não especialista se engajar com atividades musicais. Com isso, a posição do músico especialista continua sendo garantida por sua especificidade e profundidade em termos de conhecimento musical. Mas, tendo em vista que existem professores não especialistas que precisam atuar de alguma forma com música em sala de aula, uma alternativa reside em criar condições desses professores não especialistas vivenciarem práticas formadas de música, em nível básico.

Através desse estudo, de caráter exploratório pudemos perceber com bastante clareza que certamente deve haver professores que possam se interessar em fazer cursos práticos de música com o foco na sala de aula.

Por outro lado, na pesquisa investigada, também pode-se constatar que as deficiências de formação especializada da professora acabaram por limitar a escolha de conteúdos a serem trabalhados, bem como permitir autoavaliar a eficiência ou não de suas práticas. Além disso, a professora alega que na escola não tem recursos disponíveis, material de apoio didático que poderiam lhe auxiliar na escolha dos conteúdos, como aplicá-los metodologicamente e por fim, como fazer a avaliação em Música. No entanto, insistimos aqui que a disponibilidade de material didático sem uma formação prévia em termos práticos, muito pouco deve auxiliá-la na condução de suas aulas com música.

Um ponto que justifica investir na formação musical prática desses professores, é que, segundo relatos da professora investigada, os alunos gostam de música e interessam-se particularmente pelos ritmos musicais. Isso a ajuda e facilita o seu trabalho, quando se trata de aulas e atividades musicais. Assim, a professora demonstrou boa vontade e ansiedade em implantar em suas aulas de Artes, atividades que explorem e aumentem a experiência musical de seus alunos.

Do ponto de vista metodológico, o presente trabalho permitiu ainda avaliar a potencialidade do uso de estímulos musicais, como ferramenta talvez de mapear e alavancar a musicalidade enculturada nos professores não especialistas, com vistas tanto a avaliar suas potencialidades e limitações, bem como apresentar leques de opções de atividades musicais direcionadas, exequíveis em sala de aula.

Com a apresentação e análise de todos os dados coletados, espero ter lançado, em solo fértil, sementes para possíveis sugestões de aulas e atividades musicais, nos planejamentos das aulas de Artes Visuais da professora entrevistada.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ABREU, P. Práticas e consumo de música(s): ilustrações sobre alguns novos contextos da prática cultural. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, vol. 56, 2000, pp. 123-147.
- ARAUJO, D. M. de P.; MORENO, J. C. O Ensino da Música na Escola: desafios para o professor de Arte. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação: O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2008. Curitiba: SEED/PR., 2011. V. 1. (Cadernos PDE). Disponível em: <<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteu....>> Acesso em: 04 nov. 2014. ISBN 978-85-8015-039-1.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora, 1994.
- BOZZETTO, A. Música na palma da mão: ligações entre celular, música e juventude. In: SOUZA, J. (Org.). *Aprender e Ensinar Música no Cotidiano* (pp. 59-74). 2 ed. Porto Alegre: Edição Sulina, 2008.
- BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. Brasília, DF: MEC/SEF, v.3, 1998.
- CAMPBELL, P. For the love of children, music, education and culture. *Revista da Abem*, vol. 24, p. 7-12, 2010.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de; SILVA, Fabiano Daniel. O ensino de música na perspectiva de professores generalistas. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 14., 2005, Belo Horizonte. Anais. Porto Alegre: Abem, 2005.
- GARCIA, R. L. (Org.). *Múltiplas linguagens na escola*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HENTSCHKE, L.; DOS SANTOS, R. A. T.; PIZZATO, M.; VILELA, C. Z.; CERESER, C., Motivação para aprender música em espaços escolares e não escolares. *ETD – Educação Temática Digital*, vol. 10, p. 85-104, 2009.
- JOLY, I. Z. L. Cultura musical na Educação Infantil. In: ABRAMONWICZ et al. *Trabalhando a diferença na educação infantil: propostas de atividade*. São Paulo: Moderna, p. 81-97. 2006.
- JØRGENSEN, E. R. *Transforming Music Education*. Bloomington: Indiana University Press, 2003.
- MANZINI, E.J. Considerações sobre a elaboração de roteiro para entrevista semiestruturada. In: MARQUEZINE: M. C.; ALMEIDA, M. A.; OMOTE; S. (Orgs.) *Colóquios sobre pesquisa em Educação Especial*. Londrina: Eduel, 2003. p.11-25.
- MENDES, J. M. (2009). A música vai à escola: diferentes olhares dos professores do 1º ao 5º ano do município de Içara/SC sobre o ensino de música nas aulas de artes. *Trabalho de*

Conclusão de Curso. Universidade do Extremo Sul Catarinense – Licenciatura em Artes Visuais.

MERRIAM, A. O. *The anthropology of music*. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. (12ª edição). São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010, p. 57.

PEDRACINI, R. S. (2011). As dificuldades no ensino-aprendizagem de música: Análise de dados e intervenção através da elaboração de material didático interdisciplinar. Anais do Fórum de Práticas de Ensino de Música. Maringá: Departamento de Música, da Universidade Estadual de Maringá.

PENNA, M. (1990). Reavaliações e buscas em musicalização. São Paulo: Loyola.

_____. Música na Escola: analisando as propostas dos PCN para o ensino fundamental. In: PENNA, M. et al. *É Este o Ensino de Arte que Queremos?: Uma análise das propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais*. João Pessoa: ed. Universitária, 2001. Disponível em: < http://www.cchla.ufpb.br/pesquisarte/Masters/e_este_o_ensino.pdf. Acesso em 26/11/2014. >

RUDDOCK, E.; LEONG, S. 'I am unmusical!': the verdict of self-judgment. *International Journal of Music Education*, v. 23, p. 9-22, 2005.

SCHOREDER, S. C. N. A música: desconstruindo mitos. *Revista da ABEM*, v. 10, 2004, p. 109-118, 2004.

SOUZA, J. Livro de música para escola: uma bibliografia comentada (Org.). Porto Alegre: PPGMUS. Série Estudos 3, 1997.

SUBTIL, M. J. D. *Música mediática & o gosto musical das crianças*. Ponta Grossa: UEPG, 2006.

SWANWICK, K. *Ensinando música musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003.

SWANWICK, K. Entrevista: Keith Swanwick fala sobre o ensino de música nas escolas. *Nova Escola*, vol.229, 2010. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/arte/fundamentos/entrevista-keith-swanwick-sobre-ensino-musica-escolas-instrumento-musical-arte-apreciacao-composicao-529059.shtml>. Acesso em 18 de outubro de 2014.

WALKER, R. A worthy function for music education. *International Journal of Music Education*, v. 23, 135-138, 2005.

WILLIAMSON, V. *You are the music: How music reveals what it means to be human*. London: Icon Books, 2014.

7. APÊNDICES:

7.1 Apêndices A – Carta de Cessão

CARTA DE CESSÃO PARA A PESQUISA

Eu, _____,
RG _____, professora de Artes Visuais na
ESCOLA _____ **EM ARINOS-MG**, declaro para os devidos
fins que autorizo a realização da pesquisa de EVA NICE GUEDES DE PAIVA CRUZ,
RG: MG - 11.395.079, matrícula: 110044/703, estudante do curso de Licenciatura em
Música a Distância da Universidade de Brasília (UnB), realize sua pesquisa para a
disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) nesta instituição. A entrevista é parte da
coleta de dados da pesquisa intitulada: A inclusão de música(s) nas aulas de Artes visuais
sob a óptica de uma professora em nível fundamental, cujo objetivo geral é investigar as
potenciais facilidades e dificuldades na inclusão de música(s) nas aulas de Artes visuais
sob a ótica de uma professora em nível fundamental.

Autorizo, na qualidade de professora investigada para a pesquisa, que os dados
coletados sejam utilizados para fins didáticos e de divulgação acadêmico-científica,
mantendo meu anonimato, bem como da Instituição.

Assinatura da Professora participante

7.2 Apêndices B – Roteiro da Entrevista

A. Dados pessoais e de formação:

1- Na sua infância e adolescência, que formação você sonhava em ter?

2- Qual a sua formação hoje, como professora? // Esta formação é polivalentes em Artes Marciais, Artes Cênicas, Artes visuais, Música, Teatro?

3- Há quantos anos você atua como professora de Artes na escola? // E nessa escola?

4- Ao longo de toda a sua vida, você teve algum contato com atividades de Música?

5- Você algum dia já fez ou participou de algum curso de formação continuada em Artes?
// E em Música? Já fez algum curso de formação para o ensino de música?

B. Atuação na escola [ensino de Artes (Música):

6- Em suas aulas de Artes você costuma trabalhar atividades com Música? Quais são suas maiores dificuldades e facilidades?

Pensamento/ Concepção de ensino de Artes (Música) na escola:

7- Você gosta de cantar? // Você já cantou e tocou algum instrumento musical (violão, percussão)?

8. Você gosta de ouvir música em suas viagens, televisão ou outro aparelho? [Você ouve música por ouvir ou tem prazer em ouvir?]

9. A música é frequente em sua casa, ou pelo menos tem um lugarzinho? (horário para ouvir).

10. O que significa para você a inclusão de música(s) na sua sala de aula? // Por que isso é importante?

11- E na perspectiva dos alunos: O que acha que a música contribui para os seus alunos, no seu ponto de vista?

12- Em relação à música, como você avalia seus alunos sobre aquilo que foi ensinado?

13- É difícil (ou fácil) avaliar os alunos em relação às músicas (conteúdos) trabalhadas?

14- O que você entende por conteúdos em Música?

15- você acha que inclui (ou sempre inclui) no seu planejamento algum conteúdo de música?

C. Sobre o repertório e as atividades com música e de Música:

16- Tem algum tipo de música que você sempre gosta de ensinar para seus alunos?// [associadas a datas comemorativas? // Repertório específico que precisa ser trabalhado em sala de aula?]

17- Se há a escolha de um repertório ou conteúdo (atividades) musical, quando esta escolha acontece em seu planejamento (nas semanas, para o mês, para o ano)?

18- Todos os estilos de música (música pop, rock, balada romântica, canção sertaneja, baião, funk, canção de roda....) podem estar em suas aulas? // [Que tipo de música você inclui e exclui em suas aulas?]. //Por quê?

19- Os alunos podem fazer sugestões das músicas que a turma vai cantar? // Eles fazem ou já fizeram?

D. Sobre os recursos disponíveis em sala de aulas e na escola (Artes e Música):

20- Que tipo de recursos você tem disponíveis para as aulas de Artes e Música na escola? // E na sala de aula? (rádios, TV, computador, aparelho de som, instrumentos de percussão, teclado, viola, flauta-doce)?

21- Tem algum tipo de recurso didático (material para as aulas) que é possível se trazer para a sala de aula para se desenvolver alguma atividade musical (recursos que você mesmo trouxe ou então que solicitou para os estudantes trazerem...)?

22- Quais dificuldades você têm encontrado para trabalhar conteúdos de Artes? // E de Música?

23- Existe algum receio ou dúvida em trabalhar algum conteúdo (atividades) de Música na sala de aula?

7.3 Apêndice C – Entrevista de Estimulação

(2ª parte da entrevista: em outro dia)

Estimulação (com recursos visuais/ auditivos) sobre potenciais atividades a serem utilizadas em sala de aula.

1. Agora eu quero que a gente pense um pouco em termos de possibilidades. Fique bem à vontade para expressar seu ponto de vista. Eu vou te dar alguns exemplos de atividades que poderiam ser utilizadas em sala de aula e gostaria que você tentasse pensar/imaginar se seria possível/acessível/ viável no seu caso realizar em sala aula (não necessariamente na turma atual- em alguma ocasião, com alguma turma... algum dia). Vou tentar lhe fazer a pergunta e você responde o que acha, de maneira sincera. Depois eu exemplifico como seria uma possibilidade, e daí você reflete novamente se acharia possível/ acessível... se mudou ou não de opinião após o exemplo mais concreto. Se não entender/ compreender alguma das proposições de atividades pergunte quantas vezes for necessário.
 - (a) Fazer os alunos escutarem uma música bem ritmada--- um forró, ou um samba, um rap, um rock..... e tentar incentivá-los a se mexer/movimentar o corpo, bater palmas no ritmo da música... (samba).
 - (b) Fazer os alunos escutarem uma música com letra, tentando acompanhar/cantar/cantarolar junto com a canção. (música infantil/parabéns).
 - (c) Assistir com os alunos uma mesma música cantada por dois cantores famosos pelo youtube e pedir para eles fazerem comentários. Qual gostou mais? Por quê? (sertanejo)
 - (d) Perguntar se algum aluno toca algum instrumento ou gosta de cantar, e pedir para ele/ela se preparar para cantar ou tocar para os colegas. Dar um exemplo de um funk, e pedir para os alunos criarem em grupos uma música deles/de cada grupo. (a atividade seria escrever letras/ colocar ritmos - até mesmo sobre o ritmo do funk exemplificado no início da aula, e finalmente, cada grupo se prepara para se apresentar para os colegas. (Funk)
- (c) Escutar uma música e pedir para eles se expressarem com desenhos aquilo que estão sentindo/percebendo na música tocada.
2. Dessas atividades apresentadas, existiria aquela ou aquelas em que se você ainda não fez, mas acharia possível de fazer? Por quê?

8. ANEXOS:

8.1. Anexo A – Consentimento Informado (Escola)

Ilmo. Prof. _____

MD. Diretor da **Escola** _____

ARINOS-MG

Prezado Diretor,

Venho por meio de esta solicitar-lhe a permissão para que **Eva Nice Guedes de Paiva Cruz**, aluna do Curso de Licenciatura em Música à Distância (Universidade Aberta do Brasil – UAB/ Universidade de Brasília – UnB) possa conduzir sua pesquisa a professora de Artes _____ de _____ sua _____ instituição **(ESCOLA _____)**. O objetivo da presente pesquisa é investigar as potenciais facilidades e dificuldades na inclusão de música(s) nas aulas de Artes visuais sob a ótica de uma professora em nível fundamental. Para tal, a referida estudante necessitaria entrar em contato com a professora da disciplina, via e-mail, a fim de convidá-la a participar como voluntária de seu trabalho de final de curso.

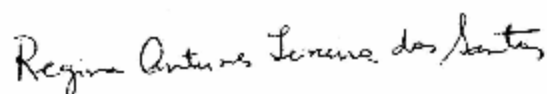
A etapa de coleta de dados será realizada através de encontro presencial com a referida professora, e utilizará a entrevista com roteiro contendo questões reflexivas sobre as potenciais facilidades e dificuldades na inclusão de música(s) nas aulas de Artes, em nível fundamental. Seguindo os procedimentos éticos da pesquisa, os dados coletados serão de uso exclusivo para fins didáticos e de divulgação acadêmico-científica, e à participante, bem como à Instituição acolhedora será garantido o anonimato.

Caso vossa Instituição permita o acesso à professora de Artes para o envio de uma carta convite, solicito-lhe o e-mail da professora para contato bem como o preenchimento da carta de cessão.

Em caso afirmativo, solicitamos-lhe ainda que assine o documento em anexo para concessão da realização da pesquisa junto a essa Instituição.

Desde já lhe agradeço pela atenção dispensada e coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos que se fizerem necessária.

Porto Alegre, 23 de agosto de 2014.



Regina Antunes Teixeira dos Santos
Instituto de Artes – UFRGS
Professora UAB-UNB da disciplina de TCC
Regina.Teixeira@ufrgs.br

8.2. Anexo B – Consentimento Informado (Professora)

Ilma. Prof. _____

ARINOS-MG

Prezada professora _____

Venho por meio desta, convidar-lhe a participar da pesquisa de **Eva Nice Guedes de Paiva Cruz**, aluna do Curso de Licenciatura em Música à Distância (Universidade Aberta do Brasil – UAB/ Universidade de Brasília – UnB). O objetivo de seu estudo é investigar as potenciais facilidades e dificuldades na inclusão de música(s) nas aulas de Artes visuais sob a ótica de uma professora em nível fundamental. Para tal, a referida estudante necessitaria de sua valiosa participação como atual professora da disciplina de Artes da Escola Professor Benevides em Arinos-Mg.

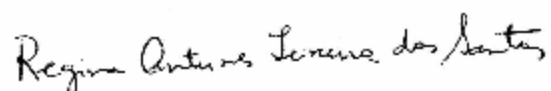
A etapa de coleta de dados será realizada através de encontro(s) presencial (is) com vossa senhoria, e utilizará a entrevista com roteiro contendo questões referentes ao seu ponto de vista e experiências sobre a forma de incluir música nas atividades de Artes, em nível fundamental, assim como eventuais dificuldades e facilidades nos processos de utilização de música na sala de aula.

Seguindo os procedimentos éticos da pesquisa, os dados coletados serão de uso exclusivo para fins didáticos e de divulgação acadêmico-científica, e será garantido o anonimato, tanto a vossa senhoria, bem como à Instituição.

Em caso afirmativo de concordar em colaborar com essa pesquisa, solicitamos-lhe ainda que assine o documento em anexo para concessão da realização da pesquisa junto a essa Instituição.

Desde já lhe agradeço pela atenção dispensada e coloco-me à disposição para quaisquer outros esclarecimentos que se fizerem necessária.

Porto Alegre, 28 de agosto de 2014.

A handwritten signature in black ink, reading "Regina Antunes Teixeira dos Santos". The script is cursive and fluid.

Regina Antunes Teixeira dos Santos
Instituto de Artes – UFRGS
Professora UAB-UNB da disciplina de TCC